



JOSÉ SEQUEIRA

SONORIDADES

ARTE EM MADEIRA E PEDRA

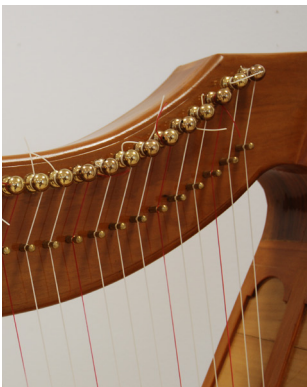
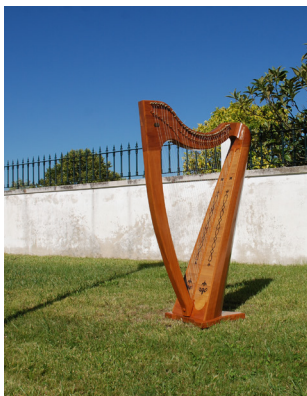
15 outubro a 19 novembro 2016
Galeria da Biblioteca Municipal de Aveiras de Cima



azambuja
Município

Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Azambuja

Centro Cultural Pátio Valverde - Av. do Valverde, nº 8-M - 2050-395 Azambuja | Tel. 263 400 473 | Fax. 263 400 490 | cultura@cm-azambuja.pt



Natural de Aveiras de Cima, José Sequeira, artista autodidacta, tem-se dedicado, nos últimos tempos, à elaboração de verdadeiras obras de arte em madeira, nomeadamente harpas, cuja sonoridade instrumental o fascinou, levando-o a enveredar pelo fabrico destes instrumentos. Com uma pequena oficina montada para o efeito, José executa todos os passos na concepção destes instrumentos musicais que são o ex-libris desta exposição que vai estar patente na Galeria do Centro Cultural Grandella durante os meses de Outubro e Novembro.

Com a ajuda de vários amigos, que se prontificaram a realizar uma pesquisa relativamente ao fabrico destes instrumentos de cordas, José foi desenvolvendo a sua paixão numa incessante busca do instrumento perfeito. Para o efeito, visitou museus, dedicados à temática, para obter informação que lhe permitisse aperfeiçoar os instrumentos no que concerne, sobretudo, à sua sonoridade, dimensões e processos de construção, dado que em Portugal não há registo de artesãos a produzir a harpa.

A origem deste instrumento é remota, havendo até referências que datam dos Egípcios. Contudo, a procedência exacta da harpa é difícil de determinar. Sabemos apenas que se espalhou pelo mundo inteiro com o crescimento do islamismo, durante o século VIII, vindo do Norte de África para Espanha, espalhando-se rapidamente pelo resto da Europa. Foi por volta de 1720 que o fabricante alemão, Celestin Hochbrucker, aperfeiçoou a sonoridade da harpa ao colocar-lhe um sistema de grampos e pedais que controlavam as melodias que o mesmo emanava.

Sendo as peças centrais da exposição, o trabalho de José Sequeira, não se limita à produção exclusiva destes instrumentos. Na exposição estarão também patentes um xilofone, flauta de pau, mesa de mármore e várias miniaturas, entre as quais harpas, pisa-papéis.

O destaque vai ainda para outro objecto de beleza impar que em Portugal tem pouca expressão. Estamos a falar do jogo do sapo, fruto de um longo e árduo trabalho executado na totalidade na sua oficina, onde controla todos os passos do processo de fabrico, desde o processo de escola e secagem das madeiras mais apropriadas até à construção final das obras, cuja minuciosidade e atenção ao pormenor são de enaltecer. Apesar de ser um jogo tradicional não está muito divulgado em Portugal. É em Espanha e na América Latina, sobretudo no Perú, de onde se pensa que seja originário, que encontra a sua maior expressão. Em termos práticos, consiste num tabuleiro, montado num móvel, com vários orifícios e o “sapo” no meio, para onde os jogadores lançam umas pequenas malhas com o objectivo de acertarem nas cavidades de modo a obterem uma pontuação.

Mais uma vez, é com grande satisfação que este espaço cultural volta a albergar os trabalhos artísticos de um “filho da terra” que, com arte e engenho, divulga as suas obras, que podem ser admiradas e contempladas a partir de 15 de Outubro.